

XIII Colóquio do Centro do Pensamento Antigo

IV Semana de Estudos Clássicos – CEC – IEL

3 a 5 de novembro de 2015

Caderno de Resumos

História Antiga

Minicurso

Ramalho, Jefferson (Unicamp). *Constantino e o Cristianismo na Antiguidade Tardia*

Ementa:

O minicurso “Constantino e o cristianismo na Antiguidade Tardia” tem como objetivo explorar os aspectos discursivos existentes por trás da aliança estabelecida no início do século IV de nossa era entre o império romano e a religião cristã. Esta, já bastante multifacetada naquele momento, contou não apenas com a proteção imperial, mas também com as produções intelectuais de alguns dos seus representantes. Nesse sentido, destaca-se a figura de um bispo palestino chamado Eusébio de Cesareia, o qual tomou para si a responsabilidade de escrever apologias à religião que professava e panegíricos ao imperador, que serão analisados nos três encontros propostos. Utilizando-nos de uma análise filológica, além da contextualização histórica e dos gêneros literários que caracterizam os fragmentos selecionados, identificaremos as relações de poder estabelecidas entre império e igreja, a subjetividade presente na construção discursiva de Eusébio e os efeitos políticos e estéticos resultantes desse acordo.

3/11 – A obra de Eusébio de Cesareia e sua produção historiográfica

- Eusébio: bispo, teólogo ou historiador?
- Conhecendo a obra histórica de Eusébio.
- Análise de fragmentos da *História Eclesiástica*: I,1.1 / VIII,13.12-15.

4/11 – O Constantino de Eusébio na obra *Vida de Constantino*

- Conhecendo a *Vida de Constantino*
- Análise de fragmentos da *Vida de Constantino*: I, 28.1-31-3 / I, 32.1-39.2.
- O paralelismo discursivo na *História Eclesiástica*.

5/11 – Efeitos imediatos e posteriores na política e na estética da nova cristandade

- O primeiro concílio: fragmento da *Vida de Constantino*: III, 6.1-7.2.
- Os primeiros templos: fragmento da *História Eclesiástica*: X, 2.1 e 2 [// V.C.].
- A lógica monárquica de Constantino: fragmento da *História Eclesiástica*: X, 9.1, 2, 6.

Referências bibliográficas

BRANDT, Hartwin. *Constantino*. Barcelona: Herder Editorial, 2007, p. 13-37.

EUSEBIO. *Historia eclesiástica*; [texto biligüe]. – Madrid: BAC, 2001.

EUSEBIO. *Vita di Costantino*; [testo greco a fronte]. Milano: BUR Rizzoli, 2009.

RAMALHO, Jefferson. *Eusébio e Constantino: o início de uma igreja imperialista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

VEYNE, Paul. *Quando o nosso mundo se tornou cristão: 312-394*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 9-31.

Palestras e conferência

Grillo, José Geraldo Costa (Unifesp). *O grupo escultórico dos Tiranicidas entre crise política e experiência democrática*

O grupo escultórico dos Tiranicidas permite uma reflexão sobre a relação da situação de crise e as oportunidades de mudança que ela oferece. Erigido como monumento comemorativo na Ágora de Atenas, ele marca o fim de uma crise política e é um símbolo da experiência democrática da sociedade ateniense.

Oliveira, Julio César Magalhães de (USP). *Crises, boatos e oportunidades políticas na Antiguidade Tardia*

Comparado à organização política do Principado, o regime imperial da Antiguidade Tardia obteve um controle muito maior sobre a circulação da informação política, em decorrência da centralização do poder e do número muito maior de funcionários qualificados dedicados a coligir, cotejar e recuperar informações em todo o Império. Ainda assim, a vastidão do Império Romano e a lentidão das comunicações continuavam a representar as principais ameaças ao poder absolutista, especialmente nos momentos de crises políticas, quando a própria ausência de informações oficiais alimentava os canais subterrâneos e incontrolados de notícias. Do ponto de vista da plebe urbana e dos atores políticos locais, o recurso a essas notícias clandestinas que nós chamamos de “boatos” podia representar uma tentativa de avaliar a abertura de oportunidades para a ação em um ambiente

político marcado por uma profunda incerteza. O objetivo desta comunicação é explorar como a plebe urbana, as facções religiosas ou seus líderes percebiam (e encorajavam) a difusão de notícias sobre as mudanças no poder imperial como uma “janela de oportunidades” e como uma forma de organizar uma ação coletiva.

Silva, Glaydson José da (Unifesp). *Tempo, crise e oportunidade: mobilização e agenciamento nos Commentarii de Bello Gallico de Júlio César*

Tempo, crise e oportunidade são instâncias estreitamente relacionadas nos *Commentarii de Bello Gallico* de César. Texto representativo de um contexto de transição – final do período republicano e início do Principado em Roma – os *Commentarii* mobilizam e agenciam essas instâncias em benefício da construção de uma imagem de César. Elaborados para dar razões à classe política romana hostil ou falsamente indiferente em relação a um dos mais longos conflitos empreendidos por Roma, eles representam o discurso do vencedor sobre os vencidos, se constituindo, a um só tempo, na mais importante fonte escrita sobre a conquista da Gália e numa das mais importantes sobre seu líder, César. Nesta apresentação teremos por objetivo articular, então, essas três instâncias (tempo, crise e oportunidade), que representam 1) um conturbado período de guerras, 2) a grande instabilidade política e 3) a mobilização e o agenciamento de argumentos de caráter histórico por César.

Sessões coordenadas

1) Bélo, Tais P. *Boudica desbravando o tempo*

Depois de uma sucessão de generais patrícios sofrerem a humilhante derrota contra a independência dos EUA, a crise britânica foi agravada por entrarem em conflito com a França durante a Revolução Francesa. Entretanto, após a vitória de Trafalgar pelo general Nelson, a aristocracia vencedora foi incentivada a se apoiar em expressões culturais inquestionavelmente britânicas. A educação de seus filhos foi baseada em um tipo de patriotismo que enfatizou Grécia e Roma, autores antigos, histórias de guerras, impérios, bravura e de sacrifícios pelo Estado. Contudo, heróis britânicos foram evocados no século XIX e suas façanhas ecoaram até início do século XX, muitos repercutem até hoje, assim como Boudica, rainha Bretã, da tribo dos Iceni, que constituiu um exército contra o Império Romano, durante o século I d.C., logo que ela rejeitou o pedido romano de entregar suas terras, com consequente violação de suas filhas e seu açoitamento. A imagem de Boudica foi celebrada, primeiramente, pela rainha Vitória, levantando sua estátua em Westminster, porém ela já fora comparada e contrastada com Elizabeth I. Ela virou um ícone feminino para as sufragistas e até hoje sua figura é lembrada em ações concernentes às mulheres. Esta apresentação irá divulgar resultados de meu estudo mais recente, executado durante meu pós-

doutorado, que se baseou em entrevistas feitas nas cidades de Norwich, Colchester, Londres, St. Albans e Cardiff para identificar se Boudica ainda se encontra na memória coletiva britânica. As cidades escolhidas foram baseadas em critérios da participação de Boudica na formação da história e/ou se o lugar apresenta algum objeto que a celebra. Essa materialidade, assim como critérios mais subjetivos podem ter sido fundamentais para a tentativa de perpetuação da imagem dessa personagem.

2) Biazotto, Thiago do A. *Diodoro Sículo e sua apreciação de Alexandre Magno no livro XVII da Biblioteca História*

Autor da colossal *Biblioteca História*, obra em 40 volumes cujo objetivo era passar em revista todos os acontecimentos da humanidade, o escritor siciliano Diodoro Sículo (aprox. 90 – 30 a.C.) registrou seus pareceres a respeito de diversas personagens ilustres da Antiguidade. Entre eles, não poderia faltar, claro, Alexandre Magno, apresentado por Diodoro no livro XVII de sua obra. Esta comunicação, portanto, terá o objetivo de analisar os arbítrios do autor siciliano a respeito de Alexandre, em especial por ocasião de seu relato a respeito da aquisição de trejeitos da coroa persa por parte do conquistador macedônio.

3) Bonfá, Douglas C. *Maquiavel e os usos do passado: as representações do Império Romano na obra O Príncipe*

Destinada à instrução do príncipe de Florença, a obra *O Príncipe* de Nicolau Maquiavel, por vezes, faz uso de termos que remetem ao contexto histórico do Império Romano. Tornando-o, ao que tudo indica, um exemplo a ser seguido, e dando a entender que o mesmo era sinal de poder e estabilidade política, econômica e militar, Maquiavel lança mão de diversos conceitos que dizem respeito à Antiguidade Romana. Sem a pretensão de explorá-los exaustivamente, esta comunicação apresenta como possibilidade de pesquisa uma análise da obra *O Príncipe* a partir da metodologia dos *Usos do Passado*, com o intuito de averiguar a maneira como o teórico político em questão interpretou a política da Roma antiga.

4) Della Torre, Robson M. G. *Nestório, os pelagianos em Constantinopla e o concílio de Éfeso (431): Política eclesiástica e polêmica doutrinária entre Ocidente e Oriente no século V*

Nestório, bispo de Constantinopla entre 428 e 431, é bastante conhecido por sua polêmica cristológica com o bispo Cirilo de Alexandria (412-444), a qual acabou resultando no primeiro concílio de Éfeso (431) e em longos anos de disputa dentro do episcopado oriental. No entanto, ele também se envolveu ativamente em uma controvérsia eclesiástica que mobilizava o Ocidente latino nesse momento: a controvérsia pelagiana. Condenados por sucessivos bispos de Roma, os ditos

pelagianos buscaram refúgio junto ao imperador em Constantinopla e encontraram no bispo dessa cidade um importante aliado. No entanto, essa associação foi vista de forma negativa por importantes figuras eclesíásticas do período – em especial, o bispo de Roma, Celestino (422-432) – e foi explorada de forma polêmica pelos adversários do bispo da cidade imperial. Meu objetivo nessa comunicação é apresentar, de forma sumária, as evidências de que dispomos para os contatos entre Nestório e os pelagianos a fim de mostrar como estabeleceram uma efetiva colaboração entre si contra seus adversários comuns, mas que, na sequência, foi utilizada contra o prelado constantinopolitano tanto pelo bispo de Roma quanto por Cirilo de Alexandria no curso do concílio de Éfeso e de seus desdobramentos imediatos. Nesse sentido, pretendo mostrar que a colaboração entre Nestório e os pelagianos tinha uma finalidade política de fortalecimento da influência eclesíástica da sé constantinopolitana, mas que acabou sendo usada contra ele na medida em que permitiu uma importante aproximação entre Celestino e Cirilo contra um rival comum.

5) Figuinha, Matheus C. *O monastério de Lérins: uma uilla autossuficiente?*

Entre 400 e 410, Honorato retirou-se em Lérins, a menor das duas ilhas do largo de Cannes, na Côte d’Azur. Em poucos anos, o monastério que ele lá fundou tornou-se a mais importante instituição monástica da Gália do século V. Os estudiosos consideram que o monastério fundado por Honorato era economicamente autônomo. O *tour de force* dessa concepção é representado por René Nouailhat, que sugere que o monastério tornou-se, no decorrer de duas ou três décadas, uma grande *uilla* autossuficiente, orientada pelos princípios do *Tratado de agricultura*, de Paládio. O objetivo desta apresentação é revisar a tese de Nouailhat. Analisarei, em primeiro lugar, as despesas dos monges de Lérins e, em segundo lugar, como eles podiam pagá-las.

6) Gallo, Gregory. *Entre o Verismo e o Grego Idealizado: As representações do Imperador Augusto na Estatuária*

Por volta de 200 a.C., o *grego idealizado*, assim chamado por muitos autores, passou a ser “assimilado” nas representações dos retratos romanos e na estatuária, de modo geral, apenas nas cidades itálicas e nas *villae* (o que não ocorreu na cidade de Roma no período). O estilo *verista* (que surgiu com as máscaras fúnebres, ou mortuárias romanas) era o “padrão” aceito e utilizado naquela sociedade nas representações da República Tardia. O imperador Augusto, contudo, foi representado na cidade de Roma num estilo que somava tanto o *grego idealizado* quanto o *verista*. Muitos autores, nesse sentido, dentre eles Paul Zanker e Roland Smith, acreditam que uma das formas de que Augusto se utilizou para combater a crise (entende-se crise do sistema republicano) por que Roma estava passando foi esta: oferecer uma nova linguagem, na qual o imperador transmitia a ideia de serenidade, juventude e segurança para um período conturbado e, por conseguinte, restaurar

o *Mos Maiorum*. Portanto, nesta comunicação, pretende-se explorar e discutir a nova linguagem de representação na estatuária (como o *verismo* e *grego idealizado* estão articulados na estátua *Augusto de Prima Porta*, por exemplo) que o Imperador Augusto criou para responder à crise romana de seu tempo.

7) Gomes, Crosley R. *As crises no período arcaico grego e a necessidade de migração*

A partir do período Arcaico (800 a 500 A.C.) os gregos passam a migrar para outras regiões (por falta de território, poucas terras férteis e a necessidade de se expandir o comércio marítimo), criando colônias geralmente próximas ao mar, como Ampúrias, na atual Espanha, na costa do Mediterrâneo. Nesse processo de colonização, buscavam “terras livres”, ou seja, territórios em que não existia a presença de sua cultura. Esse processo levou a muitos conflitos e também trocas culturais com os povos nativos, que os helenos chamavam de “bárbaros”. Analisando fontes como *A Geografia de Ibéria* de Estrabão e a documentação material encontradas nas escavações de cidades como Ampúrias, Ullastret e Girona, na atual Espanha, buscamos entender a visão dos gregos no extremo ocidente. A pesquisa dessa expansão para o ocidente visa contribuir para os estudos da área, procurando compreender as trocas culturais entre helenos e os nativos e compreender a formação das *Pólis* nas colônias. Entre as características das colônias, percebemos que estas não eram submissas, tendo apenas um elo, do tipo mãe e filha: não pagavam impostos, ao contrário das colônias portuguesas e espanholas na Idade Moderna; participavam dos jogos olímpicos; e, principalmente, em caso de guerra, deveriam ajudar a Metrópole.

8) Matthiesen, Lucas. *Arqueologia divertida: “As Histórias Presentes em Nossas Vidas”*

No intuito inicial de promover o trabalho científico dentro da sala de aula, o projeto "Arqueologia: As Histórias Presentes em Nossas Vidas" nos encaminhou para o desenvolvimento de atividades no Ensino Fundamental em Alfenas (MG), com a proposta de apresentar a Arqueologia através de uma abordagem mais dinâmica às crianças e adolescentes. Este projeto é uma parceria do Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), do laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LÂMINA), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL- MG).

9) Menezes, Victor Henrique da S. *Quando (não) há interesse pela “Rainha da Bitínia”. Discursos e representações acerca da virilidade de Júlio César*

A imagem histórica de Júlio César raramente demanda grandes introduções. Tendo entrado para a História como o general responsável por profundas e marcantes mudanças no cenário político da Roma Antiga, no mundo hodierno muitas vezes ainda é considerado o protótipo de um líder

ocidental. Representada em variados veículos artísticos e diferentes momentos históricos, a figura de César passou, por certo, por uma maior disseminação a partir de sua presença em obras cinematográficas e televisivas. Nessas, geralmente, foi apresentado como um grande estadista e militar, heterossexual, viril e amante de matronas romanas e belas rainhas. Tais construções acerca do general falam mais do momento de produção dessas imagens que do César presente nas fontes antigas, que trazem alguns outros discursos a seu respeito, em particular no que concerne à sua virilidade. Um dos exemplos mais conhecidos é a alcunha dada a ele por Suetônio de “rainha da Bitínia” (referente à sua suposta relação com o rei Nicomedes), e sua caracterização como “Rômulo efeminado” pelo poeta Catulo. Percebe-se, assim, que nas produções cinematográficas e televisivas há um potencial silêncio ou tergiversação de algumas condutas sexuais de César narradas pelos antigos. Com tais pressupostos e pautada nos estudos dos usos e apropriações do passado, esta comunicação terá como objetivo apresentar alguns dos discursos construídos na Antiguidade a respeito da virilidade de Júlio César e compará-los às suas ressignificações nas produções cinematográficas e televisivas. Para tanto, será feita uma breve explanação de como o biógrafo Suetônio tratou dos rumores que diziam respeito às práticas sexuais e ações tidas como impróprias de César. Em seguida, discutir-se-á como os filmes e séries de TV lidam com esses discursos advindos da Antiguidade. Com tal intuito, serão trabalhadas algumas das cenas do filme *Cleópatra* (1963) e da série televisiva *Spartacus* (2010-2013).

10) Morales, Fábio A. *Heterocronias e heterotopias em Atenas durante a crise de 200/199 a.C.*

A hegemonia macedônica sobre Atenas, iniciada ainda no século IV a.C., seria dramaticamente interrompida no ano de 200/199 a.C. Então, sitiada pelo rei macedônico Filipe V, a cidade promoveria uma ampla *damnatio memoriae* pela destruição de todos os vestígios materiais que remetesse aos monarcas macedônicos. Tal destruição abriria espaço para a inclusão de novos personagens no horizonte urbano e geopolítico ateniense, em particular Pérgamo e Roma. A presente comunicação visa discutir a articulação entre crise e oportunidade nesse contexto, tomando como caso algumas intervenções espaciais – destrutivas e construtivas – datadas de 200/199 a.C., com especial ênfase para as diferentes temporalidades implicadas nesta trama: míticas, históricas, historiográficas.

11) Peixoto, Renan F. *O espaço da filosofia e a filosofia do espaço. A poética da criação da cidade grega antiga nas colônias ocidentais*

Na discussão arqueológica da cidade grega planejada, a bem dizer das que se postulam os módulos e divisões e demarcações de seus espaços, é eminente que se percorre na bibliografia a marca da distinção entre material e espiritual. Em razão da disponibilidade das fontes escritas, é

importante lembrar que o historiador-arqueólogo da antiguidade situa-se no eixo de um diálogo profícuo. Pois, se de um lado, podemos remontar boa parte da morfologia do vocabulário nas pesquisas sobre o planejamento urbano aos cânones conceituais dos teóricos da pólis (Platão e Aristóteles), ou aos primórdios mesmo da filosofia constituidora do pensamento moderno, é de se esperar que, por outro, a reflexão incida no modo como repensamos a cultura material no nosso problema. Dialogando com uma espécie de “arqueologia heideggeriana” (como já anunciou Julian Thomas (1996) e como também enquadramos Christopher Gosden), pretendemos explorar aspectos das relações entre pessoas e coisas que evadam uma concepção que, em última instância, joga com uma cultura metafísica distinta do material. Detemo-nos no estudo de caso do filósofo-urbanista Hipodamo de Mileto que se engajou no planejamento de algumas fundações do mundo grego e no escrito sobre a melhor forma de governo (*peri politeias tes aristes* (*Política* 1267b22-30)). De que maneira nossa percepção, para além de conceber o planejamento como projeção na topografia de uma ideia, pode ganhar com a reflexão de que o mundo mesmo é a terra natal de nossos pensamentos (Merleau-Ponty, [1945] 2011)? Qual a orientação dessa proposta em um colóquio que pensa sobre “tempo, crise e oportunidade”? Se tomarmos as contingências históricas de crises institucionais e conflitos sociais do VIII ao IV a.C., podemos facilmente transformar o contexto histórico dessas fundações e refundações de cidades gregas como matéria-prima desse “laboratório de experiências políticas e sociais” (Lèvéque; Vidal-Naquet, 1964, 68; Bertelli, 1982, 493). No entanto, integrar a cidade em sua dimensão temporal-material nos impele a pensá-la em sua face recursiva *vis-à-vis* aos tratados filosóficos, de forma que sua manufatura se aproxime mais a um estado do corpo no *habitus* das práticas sociais do que um estado da mente.

12) Pereira, André Luís M. *Egípcios na Península Ibérica: hipóteses e oportunidades de pesquisa?*

Através da análise de Fontes tidas como clássicas, e por isso, mais usadas para os estudos de História da Antiguidade na Península Ibérica, Heródoto e Estrabão, além dos pouco utilizados Plutarco e Diodoro da Sicília, encontramos algumas evidências de que os Egípcios possam ter alcançado a Península Ibérica. Juntamente com a análise de manifestações religiosas dos povos Ibéricos, da movimentação das populações, do comércio e da utilização de matérias-primas, procuramos demonstrar algumas lacunas presentes na História Ibérica que podem nos mostrar que a civilização do Nilo pode ter chegado a criar pequenos agrupamentos em certas regiões da Península Ibérica, tendo, inclusive, contato com vários outros povos daquela região. Nosso objetivo, portanto, com esta comunicação é, além de demonstrar uma oportunidade de pesquisa na área, apresentar algumas evidências dessa possível passagem egípcia pela Ibéria e de como as pesquisas acadêmicas sobre a Antiguidade da Península esforçam-se para negligenciar esses tipos de pesquisas históricas.

13) Póvoa, Maria Bernadete. *Crise judaico-romana: da tomada de Massada à imposição da cultura helenística; apontamentos rumo a oportunidades e possibilidades*

Esta comunicação apresenta relatos sobre as revoltas judaico-romanas na antiga Judéia nos períodos de 37 a. C. à diáspora estabelecida oficialmente em 132 - 135 d.C. No ano de 37 a.C., Herodes, o Grande, (73 – 4 a.C.) filho de Antípater, foi instaurado rei da Judéia (34-4 a.C.) por ordem de Roma, judeu edomita, grande admirador da cultura greco-romana, construiu monumentos audaciosos na cidade portuária da Cesaréia e Sebástia, e as fortalezas de Heródio e Massada, a qual levou 46 anos para ser construída. Político astuto, suprimia à força qualquer oposição suspeita, assassinou 71 membros do sinédrio. Calcula-se que viviam cerca de 2,5 milhões de judeus na Judéia o que compreendia 10% do Império Romano. A tomada de Massada foi palco de luta e resistência e dramaticidade, assim narra o historiador da antiguidade Flávio Josefo, haja vista o desfecho das 960 pessoas que ali se encontravam na montanha inóspita num suicídio coletivo. Em 132 d.C., o imperador Adriano introduziu políticas pan-helenísticas nas ruínas de Jerusalém que foi rebatizada de Aélia Capitolina e o templo foi dedicado à Júpiter. A Judéia passou a ser chamada de Palestina. Assim inicia-se o período oficial da diáspora judaica. Para Finley (1965: 226) o Ano Um foi um período decisivo, o surgimento da cristandade: “É vulgar dizer que a civilização europeia (e por conseguinte a americana) tem três raízes: grega, romana, e judaico-cristã.”

14) Silva, Filipe. *Adriano e o Panhellenion: memória, oportunidade e poder*

Enfatizando o caráter arbitrário, político e seletivo das construções mnemônicas, esta comunicação discorre a propósito dos usos do passado grego no contexto do Império Romano à época Adriano. Se, por um lado, as supostas iniciativas e gostos pessoais de Adriano pela cultura grega lhe asseguraram o epíteto de filo-helênico, por outro lado, presumimos, a experiência imperial romana do século II d.C nas províncias gregas do Império, com efeito, nos permite vislumbrar essa aproximação para além de um apreço individual do personagem em questão. Nesse ínterim, pretende-se interpretar a tradição textual antiga e a cultura material antiga concernente à referida experiência histórica com o fito de identificar as formas de manipulação do passado (inclusive o mitológico) grego promovidas por Adriano a favor das políticas imperiais romanas à época de seu principado.

15) Simonaio, Arthur de M. *O sabor da carne humana: uma análise do canibalismo na antiguidade e na modernidade*

Este artigo tem por objetivo analisar três diferentes tipos de antropofagia e buscar compreender as diferentes formas em que esse ato é feito. Primeiramente, irá observar o

canibalismo na guerra da Gália, em que o líder gaulês Vercingetórix viu-se obrigado a recorrer a essa prática por estar em um cerco de guerra. Outro relato analisado será o de Michel de Montaigne (1533-1592) sobre os indígenas no novo mundo e suas conclusões sobre esse assunto. E, por último, serão analisados casos de antropofagia na Europa do século XVII, em que temos motivações diferentes.

Letras Clássicas

Minicurso

Vieira, Brunno Vinícius Gonçalves (Unesp – Araraquara). *Por uma história da tradução latino-portuguesa (séc. XIX)*

Pretende-se abordar a transposição de poesia latina ao português, avaliando traduções lusófonas do século XIX à luz das ideias de Schleiermacher (1813), Benjamin (1923) e Valéry (1944). Resgatar traduções desvanecidas pelo tempo e investigá-las a partir de reflexões ainda atuais sobre o tema estão entre os objetivos do curso.

3/11 - Os diferentes métodos de tradução (Schleiermacher): Aqueloo contra Hércules (Ov. *Met.* 9.1-30), de Filinto Elísio e Antônio Feliciano de Castilho;

4/11 - A tarefa de Benjamin e o caso de Odorico Mendes (Vir. *E.* 8);

5/11 - A força cantante de Valéry em fábulas traduzidas de Fedro (a propósito de 1.7).

BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. Trad. Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN (org.). *Clássicos da teoria da tradução: Alemão-Português*. 2.a ed., revisada e ampliada. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2010. Volume I. p. 201-31

ELYSIO, F. *Obras completas de Filinto Elysio*. Paris: Bobée, 1818. Vol. 4, p. 249-50.

FEDRO. *Fábulas*. Trad. A. I. Mesquita Neves, pref. e ed. de S. P. Netto. Campinas: Átomo, 2001.

PHEDRO. *Fabulas de Phedro*. Trad. M. M. Soares. Lisboa: F. L. Ameno, 1785.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. Sobre os diferentes métodos de tradução. HEIDERMANN (org.). *Clássicos da teoria da tradução: Alemão-Português*. 2.a ed., revisada e ampliada. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2010. Volume I. p. 38-101.

VALÉRY, P. Variações sobre as Bucólicas. Trad. Raimundo Carvalho. *Suplemento literário*, Belo Horizonte, p.17–24, mai. 1999.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Trad. Odorico Mendes/Ed. Grupo OM. Cotia/Campinas: Ateliê/Editora da Unicamp, 2008.

Palestras e conferências

Dominik, William J. (Universidade de Otago, Nova Zelândia). *O tempo ‘ponderado’ e a cronologia dos eventos históricos nos Anais de Tácito*

Embora no início dos *Anais* Tácito reivindique para si o princípio de objetividade e neutralidade, em toda sua obra ele usa várias estratégias de retórica que prejudicam esta noção de suposta neutralidade. Uma dessas estratégias pode ser descrita como ‘o tempo ponderado’: ele passa mais tempo na narrativa dos *Anais* enfatizando uma das suas explicações de um evento. Uma segunda estratégia diz respeito à forma como Tácito organiza eventos a fim de chamar a atenção para as associações particulares entre certos personagens e os seus papéis dramáticos na narrativa.

Conferência

Krupp, József (Eötvös-Loránd-Universität Budapest - Hungria/ Universidade de Heidelberg - Alemanha). *Nostalgia and Philology*

O momento do nostálgico figura em muitas abordagens da Teoria da Filologia. Na presente apresentação, gostaria de me concentrar nas obras teóricas de Hans Ulrich Gumbrecht e de Werner Hamacher: contudo, ao fazê-lo, pretendo apresentá-los como pólos opostos nesse campo teórico-filológico. Hamacher, que já em seu livro *95 Thesen zur Philologie (95 Teses para a Filologia)* mostra, por meio da forma de fragmentos, uma evidente nostalgia da tradição romântica, fala não apenas de obras sem referente, “que dizem tudo e nada significam”, que não têm qualquer “exterioridade”, mas também o contrário: ele vê na Filologia a libertação do *Mundo*, a saber, pela Filologia o mundo se liberta de tudo que é dito dele. Para Hamacher, trata-se “do mundo, da Linguagem, como ela é –: inteira, sem estar lá” – isso vai totalmente no sentido de uma melancolia, que Hans Ulrich Gumbrecht tematiza em sua crítica ao desconstrutivismo. A Teoria da Filologia de Gumbrecht é submetida à sua filosofia da presença. Quanto a este ponto, gostaria de discutir sobretudo o capítulo sobre “Fragmentos” de sua obra *The Powers of Philology*, nomeadamente com o gesto antinostálgico, que, ao se apresentar no texto (este, como objeto material) e que ao fortalecer nossa capacidade de “imaginar o mundo do passado”, descobre a possibilidade de o evocar.

Hasegawa, Alexandre Pinheiro (USP). Crise poética em Catulo e Horácio

Como é conhecido, Horácio divide o livro de *Epodos* em duas partes: a primeira do *epod.* 1 ao *epod.* 10, que compõe em dístico formado por trímetro seguido de dímetro iâmbico; a segunda, do *epod.* 11 ao *epod.* 17, em metros variados. Assim, como explicitado na *epist.* 1.19.24-25, segue Arquíloco nos metros e no ânimo, mas não na matéria e nas palavras que agridem Licambes. Ora, parece claro que, ao fazer assim, Horácio imita também Calímaco que, ao trazer Hipônax do mundo dos mortos, não canta a luta contra Búpalo (fr. 191.3-4). Além disso, se há duas partes nos *Epodos*,

uma monométrica e outra polimétrica, podemos acrescentar que o poeta latino imita o livro de *Iambos* do helenístico, pois há nesse uma primeira parte monométrica, em colíambos, e uma segunda em metros variados; há ainda, como em Calímaco, um poema de transição métrica em ambos: o *epod.* 11 e o *iamb.* 5. É justamente no *epod.* 11 que Horácio encena uma crise poética, dizendo não lhe agrada mais escrever versos como antes; crise reforçada pelo *epod.* 14, em que declara não ser capaz de levar os iambos começados ao fim. Nesta fala, pretendo, a partir do confronto entre o *epod.* 11 e o *carm.* 65 de Catulo, discutir a crise poética de ambos e a possível relação entre os vários livros: de Calímaco, de Catulo e de Horácio.

Sessões coordenadas

1) Abreu, Bruna. *A construção do ethos de Cícero e de Marco Antônio na primeira Filípica e implicações para a segunda Filípica*

A presente comunicação oral tem como objetivo expor como Marco Túlio Cícero constrói o seu *ethos* e o de Marco Antônio na primeira Filípica, um tema de que tratamos em nossa monografia de fim de curso, e mostrar as implicações de nossa análise para o estudo do *ethos* na segunda Filípica. O orador procura criar laços de confiança com o público expondo os acontecimentos políticos e históricos que o envolviam naquele momento e se colocando ao longo de todo o discurso como defensor da República, algo que, subentende-se, Marco Antônio não seria. Para a análise das duas Filípicas, enfatiza-se a importância da sintetização do contexto político-histórico em que ambas foram escritas, ressaltando os fatos que motivaram Cícero a escrevê-las e a construir de tal modo o seu *ethos* e o de Marco Antônio, uma vez que os discursos tiveram uma finalidade política e funcionaram como uma autodefesa de Cícero e uma defesa da restauração da República.

2) Aquati, Cláudio. *Uma noite com Trimalquião*

O *Satíricon*, de Petrônio, entre os parágrafos 26.7 e 78.8, narra “O banquete de Trimalquião”, uma festa à qual concorrem personagens das mais diversas extrações sociais, pobres e ricos, pessoas letradas e pessoas incultas, homens e mulheres, crianças e adultos. É certo que acontece de tudo nessa festa regada a muito vinho, muita comida, muitas brincadeiras e muitas histórias. Nesse ambiente, é particularmente interessante considerar a questão do tempo. O tempo da vida e o tempo da morte, do crescimento e da crise, da chegada e da partida. Assim, na festa que se desenrola na casa de Trimalquião, diversos aspectos estão ligados à contagem e à passagem do tempo: o tempo circular da festa, com a chegada e a partida dos protagonistas do *Satíricon* e com a chegada e a partida de Trimalquião, o anfitrião do banquete. Também é possível examinar a data

relativa da festa em relação aos eventos do *Satíricon*, a época do ano em ela acontece, seu tempo de duração total e as marcas da passagem do tempo. Além disso, há o tempo da lembrança, com a narração da passagem do tempo na vida de Trimalquião, a memória dos tempos idos segundo as diversas personagens e a extravagante tirania do tempo marcada pelo relógio de Trimalquião. Dessa maneira, o tempo apresenta-se como uma marca a mais da grande versatilidade da narrativa petroniana.

3) Borges, Joana J. Marquesa de Alorna e o *carpe diem* horaciano

D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre (1750-1839), conhecida por Marquesa de Alorna, foi uma poetisa que participou da cena literária portuguesa de sua época, o Arcadismo. Quando a Marquesa contava oito anos de idade foi enclausurada no convento de Chelas, bairro lisboeta, por conta de questões políticas envolvendo sua família, onde passou dezoito anos de sua vida. Foi aí que teve sua educação e pôde dedicar-se ao aprendizado de outras línguas, como o inglês e o latim, além de música, pintura, e à sua produção poética, que encontrou respaldo nos *outeiros*, realizados nas cercanias do convento e que contavam com a participação de poetas como Filinto Elísio, que lhe deu a alcunha de Alcipe, seu nome árcade. Esses festejos, além de possibilitarem seu contato com outros poetas, permitiam que sua fama poética se espalhasse por Lisboa, embora estivesse reclusa. Em nossa pesquisa de doutorado estudamos a tradução da Marquesa de Alorna para a *Arte Poética* de Horácio, poeta romano que viveu no século I d.C. O Arcadismo português é o período de maior retomada dos clássicos greco-latinos, em especial dos versos horacianos, tanto de sua poesia lírica - vide a utilização da temática do *carpe diem* -, quanto de suas teorizações sobre poesia, presentes especialmente na *Arte poética*. Em nosso projeto de doutorado ainda em curso, procuraremos demonstrar como a teorização horaciana, em voga nessa escola literária, reflete-se na tradução da Marquesa de Alorna. No presente trabalho, no entanto, proporemos um ensaio de leitura a partir da tradução de outra obra *Carmen* 1.11, ode em que o poeta trata sobre o *carpe diem*, tão caro ao Arcadismo lusitano e ao brasileiro. Essa escolha se dá pela importância e pela difusão desse texto em vernáculo, além do fato de que procuraremos demonstrar questões e estilos tradutórios da Marquesa e de sua época através de uma breve análise de sua tradução e do texto em latim.

4) Cesila, Robson T. Aspectos da organização interna do Livro XI de Marcial

Pode-se reconhecer, em qualquer um dos 15 volumes de epigramas de Marcial, um projeto subjacente de organização interna e de disposição dos epigramas no interior dos livros. Tal estruturação poética e retoricamente planejada varia a depender do livro analisado, podendo se materializar de diversas formas e visando a fins e efeitos diferentes, mas pode-se perceber certas

tendências e princípios de planejamento interno recorrentes por todos os volumes da obra marciálica. Nesta comunicação, procuraremos demonstrar o fenômeno a partir da observação e análise do Livro XI.

5) Cunha Neto, Osvaldo. *Crise de identidade em Platão, filósofo e sofista podem ser sinônimos?*

Dezoito obras de Platão, que contribuem para o seu retrato e para a caracterização dos sofistas, podem ser classificadas de acordo com três diferentes momentos de sua abordagem (“crise de identidade”, “transição e conceitualização” e “significação pejorativa”). Tais momentos, confrontados com as obras dos seus contemporâneos e integrantes da mesma “escola filosófica”, sinalizam para uma “normatização” supostamente mais completa e menos contraditória do que as elaboradas por seus companheiros de ideal filosófico. Denomino este primeiro momento como “crise de identidade” graças à falta de clareza na distinção entre “filósofos” e “sofistas”, referidos todos como “sábios” de diferentes disciplinas, ciências ou saberes. Acompanhando todas essas obras que compõem esta fase de sua produção, é possível perceber como Platão se prepara para as fases seguintes (“transição e conceitualização” e “significação pejorativa”), com reticência na associação dos sofistas ao ensino da virtude em geral e à virtude política e com incerteza quanto a possibilidade e eficácia desse ensino, além de dúvidas quanto ao caráter desses profissionais remunerados. Integram essa fase (na qual é notória a presença e influência social da educação oferecida pelos sofistas “históricos”) além da *Apologia*, os diálogos *Lisis*, *Banquete*, *Laques*, *Eutidemo*, *Crátilo*, *Protágoras*, *Hípias Menor* e *Hípias Maior*. Mais do que destacar esse momento de sua produção, o presente trabalho visa elucidar os mecanismos utilizados por Platão para fazer os “filósofos” ocuparem a posição dos “sofistas” como os detentores e transmissores do saber e destacar como a conceitualização de um termo requer a existência de seu contraponto.

6) Diniz, Fábio Gerônimo M. *Ouroboros e Phármakon: a arte poética como temporalidade e conflito*

Em seu *Elogio de Helena*, o sofista Górgias faz duas afirmações sobre o poder da palavra poética que, conforme acreditamos, podem ser estendidas para uma melhor compreensão acerca dos modos de se fazer e ler a arte poética, ainda nos dias atuais. Tais proposições podem auxiliar-nos a delimitar, de certo modo, uma “natureza” da poesia que converge para a construção de sua vertente moderna: por um lado, uma reflexão sobre a noção de tempo – aqui entendida em mais de uma camada de sentido, a saber, quanto ao seu caráter formal e quanto à relação com perspectivas filosófico-religiosas – e, por outro, a capacidade da arte poética de produzir ambiguidades, de gerar no espectador efeitos por vezes conflitantes – capacidade que é, para Górgias, a mesma do ato

mágico. Propomos, portanto, uma breve reflexão sobre essas noções de temporalidade e de conflito, partindo dos termos *ouoboros* e *phármakon* como conceitos-chave que construímos, respectivamente, a partir de cada uma dessas duas noções. Desse modo, o trabalho se fundamenta numa ponte entre o conhecimento e as reflexões da antiguidade e as perspectivas da modernidade, pois acreditamos que uma união das pontas, aparentemente tão distantes da tradição literária, trará frutos mais significativos do que se poderia supor.

7) Duque, Guilherme H. *Est tibi agendus amans: o amante elegíaco na Ars Amatoria de Ovídio*

Parodiando a popular poesia didascálica, a *Ars Amatoria* de Ovídio apresenta-se como um manual de instruções para tornar bem sucedido o amante que a leia. No entanto, como bem observaram diversos comentadores, o forte componente metapoético, notoriamente característico da poesia ovidiana, dá pistas de que se trate também, em certo nível, de um manual poético. Exemplo disso é o trecho em que o poeta diz ao discípulo que procure uma mulher a quem diga “*tu sola mihi places*” (*Ars* I, 42), uma citação direta de Propércio (II, 7, 19). Portanto, mais do que a amar, a *Ars* ensinaria também a “como agir como um Propércio”. Conforme demonstrou John Davis em *Fictus adulter: the poet as an actor in the Amores*, porém, já nos seus livros de elegias, Ovídio se conforma apenas parcialmente com a figura do amante inaugurada na literatura latina com os comediógrafos e desenvolvida mais tarde com os poetas elegíacos, tradicionalmente descrito como um rapaz que renuncia às carreiras política e militar para se dedicar inteiramente ao amor de uma jovem, a quem promete fidelidade e submissão. Este trabalho apresenta o estágio inicial da pesquisa a que nos dedicamos no Doutorado, em que se investiga por que mudanças a figura do amante passa nas mãos de Ovídio, dando especial atenção ao diálogo com a tradição elegíaca e a cômica. Serão analisados alguns trechos selecionados da *Ars* que julgamos relevantes para a construção deste amante ovidiano.

8) Ferreira, Grace J. *As guerras Púnicas de Sílio Itálico: Tradução do canto I das Púnicas*

O projeto de iniciação científica tem por objetivo a tradução integral e direta, do latim ao português, do canto I (694 versos hexâmetros) do poema épico *Punica* (em português: *As Guerras Púnicas*, ou simplesmente *Púnicas*) de Sílio Itálico (c. 26-102 d.C.). A obra inserida no período flaviano (69-96 d.C) ou principado será traduzida a partir do texto latino da edição de L. Bauer (Leipzig: Teubner, 1890), usada por J. D. Duff em seu trabalho para a série Loeb Classical Library (Harvard University Press, 1961). Trata-se da primeira tradução do poema para o português brasileiro. Dessa forma, o projeto financiado com o apoio financeiro da Fapesp irá se debruçar somente sobre a tradução da obra, cujo tema é a segunda guerra púnica entre Roma e Cartago.

Assim, não estão incluídos nessa fase da pesquisa demais estudos críticos ou literários; contudo é necessário salientar que o diálogo deste poema com a *Eneida* de Vergílio é patente, como estudiosos afirmam (Boyle 1991).

9) Geraldo, Lidiana G. *Menadismo nas Bacantes*

O trabalho tem por objetivo analisar as representações mítico-rituais do menadismo presentes no primeiro relato do mensageiro (v. 677-774), na tragédia *As Bacantes*, de Eurípides. Em tal relato, o mensageiro descreve as práticas que as tebanas possessas, convertidas em bacantes por Dioniso, realizam no monte Citeron. Nessa cena, tem-se conhecimento sobre o comportamento das bacantes isoladas no monte e, também, sobre alguns aspectos mítico-rituais da prática do menadismo: condutas que alternam entre a paz e a violenta fúria, inspirada pela *manía* dionisíaca. Para a análise dos elementos mítico-rituais do menadismo, utilizou-se a principal bibliografia que estudou a tragédia e que investigou os elementos mítico-rituais presentes em tal obra. Nessa bibliografia, salientam-se os estudos interpretativos do helenista Winnington-Ingram (2003) e as pesquisas sobre os mitos e rituais dionisíacos representados nas *Bacantes*, do helenista Dodds (1986; 1940), do filólogo Kerényi (2002) e da estudiosa da religião Kraemer (1979). Na análise, observou-se a influência do mito e da religião de Dioniso na representação da prática do menadismo: aqui, Eurípides utilizou os mitos dionisíacos e alguns elementos da tradição ritual dionisíaca. Nessa representação, foram evidenciados comportamentos distintos nas bacantes: a pacificidade dionisíaca, quando elas vagam pelo monte Citeron (ritual da *oreibasía*), cantando hinos ao deus e estando em completa comunhão com a natureza, e a violenta fúria, provocada pela *manía* dionisíaca, quando, possessas, elas caçam e despedaçam animais com as próprias mãos (ritual do *sparagmós*). Tais representações rituais eram realizadas pelas adoradoras bacantes, nos rituais dionisíacos de inverno e nos cultos de mistérios. Na pesquisa, concluiu-se que *As Bacantes* é uma tragédia constituída por expressivos elementos dionisíacos que aludem aos mitos e práticas rituais do culto a Dioniso, apresentando ao seu público uma forma mais restrita do ritual, aquele associado aos cultos de mistérios que eram praticados, em sua maioria, por mulheres denominadas bacantes.

10) Fortes, Fábio. *O texto escrito como crise ou oportunidade para a filosofia? Apontamentos sobre a discussão do Fedro (274c-275d) de Platão*

O segmento compreendido entre 274c e 275d do diálogo *Fedro* tem ensejado longa e produtiva fortuna crítica. A principal questão que emerge dessa passagem, que contém a famosa alegoria da invenção da escrita – o mito de Theuth –, é determinar a extensão da crítica à escrita ali presente: afinal, seria a escrita um meio adequado à expressão dialética? Se lermos essa passagem

com Szlezák (1985, 2004), Reale (2007) e Perine (2014), principais representantes da chamada “Escola de Tübingen-Milão”, em nossos dias, estaremos inclinados a relegar a uma posição subalterna a escrita (incluindo aí a dos próprios diálogos), em prol de uma releitura da filosofia de Platão à luz de princípios não escritos, as chamadas “doutrinas não escritas” (ἄγραφα δόγματα), as quais temos acesso indireto através da obra de comentadores e acadêmicos, entre os quais, especialmente, Aristóteles. Buscando oferecer um contraponto a essa interpretação, propomos nesta comunicação mostrar alguns indícios presentes no *Fedro* que nos permitem, no entanto, compreender a escrita como oportunidade, ainda que não isenta das críticas que a ela se possam levantar.

11) Juliani, Talita J. *A autodepreciação do poeta e de sua obra: representações autorais em Tristia de Ovídio e no De Mulieribus Claris de Giovanni Boccaccio*

No âmbito da observação da presença ovidiana na obra *De mulieribus claris* de Boccaccio, nesta comunicação objetiva-se analisar algumas relações de imagens autorais ovidianas de *Tristia* com representações autorais boccaccianas do próêmio e conclusão do *De mulieribus*. Dentre tais imagens, destacamos aquela de um poeta que “desqualifica” o próprio trabalho e se “autodeprecia” (elemento que aparece em representações de autoria, como na *sphragis*). A “autodepreciação” e a “desqualificação da obra” entrariam, em nossa hipótese, como elementos de ironia. Para essas análises, os textos antigo e moderno serão levados em conta quanto a preceitos da poesia calimaquiiana e neotérica (como a *recusatio*). Consideraremos também a presença, no texto, de uma “consciência crítica” do autor que observa o texto “de fora” (Conte, 1994) e, assim, contribui para a construção da ironia e de determinada imagem autoral.

12) Moraes, Henrique S. *A filosofia em tempos de tirania: o confronto filosófico de Cícero em face da crise política na Epistula ad Atticum 9.4*

As cartas de Cícero reunidas no livro 9 das *Epistulae ad Atticum*, datadas em torno do ano 49 a. C., foram escritas em meio à maior crise política sofrida no período da República romana, cujo vintouro fracasso se mostrava uma consequência inexorável. Ao passo em que o embate entre César e Pompeio caminhava para uma conclusão, o ideal político de fortalecimento da República, defendido por Cícero, se tornava cada vez mais distante. Diante da crise política, Cícero se volta, sobretudo, à filosofia, a fim de buscar novos meios de posicionamento sociais e políticos. Na esteira dos estudos ciceronianos que enxergam na sua prática filosófica uma conexão indissociável com sua *persona* política, busca-se, nesta comunicação, apresentar uma leitura da *Epistula ad Atticum* 9.4 como agir filosófico emergente em um contexto político de crise.

13) Oliveira, Nicolas P. de. *O tempo do matrimônio em Historia Apolloni Regys Tyri.*

O romance antigo romano *Historia Apollonii regis Tyri* (*História de Apolônio, rei do Tiro*), de autor desconhecido, tem o desenvolvimento de suas principais intrigas ligado ao tempo do matrimônio. Sendo o amor insuperável e a beleza rara tópicos do romance antigo, o rei Apolônio, protagonista, procura ter por rainha a princesa que, conforme chegava à idade de casar-se, crescia não só em beleza como também em graça. Esta, violentada pelo pai, tem o casamento impedido e, o herói, rechaçado, é perseguido por aquele que seria seu sogro. Esses são os acontecimentos que dão início às aventuras e logo são seguidos por outros motivos tópicos. Seguem-se, por exemplo, a viagem, a tempestade no mar, o naufrágio, a salvação espetacular. O rei Apolônio, dessa vez em um encontro bem sucedido, casa-se. O relacionamento incestuoso do rei e sua filha é punido pelos deuses e, o reino, desprovido de um rei, é dado como herança a Apolônio. Há nova viagem e naufrágio resultando na separação do casal. A narrativa neste ponto apresenta uma mudança de foco em relação à tópica, pois a separação, bem como o reencontro dão-se não entre um casal enamorado, mas entre o pai Apolônio e sua filha Társia, salva do naufrágio. O matrimônio é mais uma vez um parâmetro para o tempo em questão, pois o pai Apolônio deixa a filha aos cuidados de amigos até que esta atinja a idade de casar-se (14 anos). No entanto, quando pronta para o casamento, a jovem é sequestrada por piratas, escravizada em uma casa de prostituição (contudo, sem prostituir-se). É por fim resgatada pelo pai e vê os seus perseguidores punidos. Muito conhecido na Europa da Idade Média, *Historia Apollonii regis Tyri* serviu como hipotexto de importantes obras da modernidade, dentre as quais se podem citar, em espanhol, *Libro de Apolonio*, escrito em versos e tendo sua autoria atribuída a Celio Simposio, e *Pericles, Prince of Tyre*, peça de Shakespeare, que aproveita cada um dos episódios do original latino.

14) Orosco, Gabriela S. *O tempo e a cura do amor nos Remedia amoris de Ovídio*

A obra erótico-didática *Remedia amoris*, produzida pelo poeta romano Públio Ovídio Nasão, ensina os seus leitores a curar o mal do amor. Nessa obra pressupõe-se que tais leitores (ou os chamados *discipuli*, leitores-aprendizes dos ensinamentos transmitidos pelo *magister*) padecem por conta de um amor turbulento, uma das temáticas típicas das composições elegíacas. Em um dos conselhos dados aos infelizes amantes, o *magister* faz longa exposição, apontando o tempo como um elemento relevante para o processo de cura. Nos preceitos apresentados no excerto que vai do verso 79 ao 134, o vate afirma que o tempo pode fortalecer o mal do amor, o que dificultaria a sua cura; a doença deve, portanto, ser sanada em seu estágio inicial. Para corroborar essa lição e provar que o fruto de Vênus se fortalece com o passar do tempo, o poeta utiliza diversas comparações e mitos que possuem a função de *exempla* (mecanismo persuasivo presente nos gêneros didáticos), como os grãos que ficam mais robustos com o passar do tempo (v. 84), ou ainda, como Mirra,

personagem mítica que cultivou seu tortuoso sentimento por longo tempo, tendo, por esse motivo, um triste fim (v. 100-2). A reflexão aqui proposta abordará os recursos linguísticos e intertextuais que representam a questão da passagem do tempo e sua relação com o sentimento amoroso, buscando discutir as imagens e mitos presentes no trecho mencionado.

15) Pereira, Livia M. J. P. Sullivan e Paulo Leminski: duas leituras do *Satyricon* de Petrônio

Diante da rica fortuna tradutória do *Satyricon* de Petrônio, o presente trabalho seleciona e coloca em foco duas traduções poundianas da obra. A tradução do classicista e tradutor norte-americano J. P. Sullivan, lançada em 1965 pela editora Penguin Books, e a do poeta e tradutor brasileiro Paulo Leminski, lançada em 1985 pela editora Brasiliense. A primeira, que se situa no movimento *Swinging Sixties*, nascido em Londres e repercutido pelo mundo, e dois anos antes da euforia *hippie*, culminada pelo *Summer of Love*, em abril de 67, é marcante por quebrar as regras e não censurar as cenas eróticas, muito presentes no livro. A segunda tradução, marcada pela influência dos movimentos libertários dos anos 60, expressa os interesses de sua época e reflete a irreverência da década de 80 brasileira, assumindo como produto final um romance marginal, inspirado no mote de Petrônio. Ambas traduções mais ou menos declaradamente refletem a leitura tradutória inovadora de Ezra Pound, do “*make it new*”. A partir dessas duas obras, pretendemos demonstrar quais foram os diversos resultados alcançados, no nível da linguagem e da interpretação, comparando trechos coincidentes entre as duas traduções, como produtos da leitura de Pound e sob as influências dos novos hábitos culturais. Por meio do cotejo entre o texto antigo e de suas retomadas contemporâneas comentaremos sobre as escolhas tradutórias dos dois autores em questão, levando em consideração suas escolhas estilísticas de tradução, seus acréscimos, mudanças ou inserções de sentido em relação ao texto de partida, as transliterações dos nomes próprios em português, entre outros aspectos.

16) Ribeiro, Ana Cláudia Romano. Traduzindo o livro II da *Utopia*: os recursos sonoro-semânticos

Ao traduzir a *Utopia* do latim ao português do Brasil, percebi um texto em alguns aspectos diferente daqueles publicados em traduções do *libellus aureus*. Nessas, em geral, lê-se uma versão aclimatada da *Utopia*, em que certas características do modo pelo qual se expressa Thomas Morus se perdem. Uma delas, o caráter poético, já havia sido percebido por Erasmo, que em seu *Diálogo ciceroniano* (1528) dizia ser possível reconhecer “o poeta” na prosa de Morus, algo decorrente, sempre segundo Erasmo, de uma longa prática de escrita de poesia. Pode-se reconhecer esse caráter poético por exemplo, em certa musicalidade, expressa, na *Utopia*, na forma de “rimas e ritmos” (cf. André Prévost, 1978), ou em figuras como a litotes (estudada por Elizabeth McCutcheon, 1971),

que constituem, junto a outros elementos, um texto intrincado e denso, bem distante da *neglectam simplicitatem*, pista falsa com a qual Morus caracteriza sua *Utopia*, na célebre carta a Pieter Gillis. Ainda no século XVI, Juan Vives recomendava a leitura da *Utopia* por duas razões: tanto pelo uso da língua quanto pelo assunto. E, no entanto, ao longo dos séculos, a *Utopia* parece ter sido objeto de seus críticos sempre mais pelo assunto do que pelas especificidades de seu estilo, dissociação que, ressalte-se, é artificial, se lembramos que forma e sentido são indissociáveis. Tal predileção pelo sentido em detrimento da forma se percebe pela escassez de bibliografia que trata do estilo da prosa moreana e pela pouca atenção que suas particularidades têm recebido por parte dos tradutores, que, em geral, não se preocupam em traduzir as figuras de linguagem, reforçando a separação letra/espírito. Esta comunicação pretende apresentar algumas das figuras de som do livro II da *Utopia*, cotejando o texto latino com algumas traduções para o português, italiano, francês e inglês, e colocando em relevo o uso poético que Morus faz do latim.

17) Rocha, Carol M. da. *Mostrar e ocultar: estratégias de erotismo das meretrizes na comédia plautina*

Como costuma ocorrer com a maioria dos personagens das comédias de Tito Mácio Plauto (séc. III-II a.C.), as meretrizes (*meretrices*) acabam por ser reduzidas a tipos caricaturais. Essa redução contrasta com a visão da principal característica ressaltada nesta personagem na obra plautina: sua *blanditia*, ou capacidade de sedução por meio da fala. Nesta comunicação apresentaremos os passos iniciais de nosso estudo que pretende apreciar mais de perto estratégias desse tipo de personagem da *palliata*, a fim de melhor compreender sua famosa retórica de sedução. Nossa hipótese é que o erotismo das meretrizes plautinas, inclusive sua *blanditia*, seja em grande parte baseado em estratégias de ocultamento e revelação, nas quais colaboram não apenas objetos, interesses e lugares, mas, sobretudo, o seu discurso. A fim de exemplificar nossa abordagem, observaremos exemplos extraídos das comédias plautinas *Báquides* e *Cásina*.

18) Rocha, Eduardo L. F. *O latim semelhante ao grego: ocorrências de code-switching na gramática de Diomedes*

Este trabalho consiste de uma descrição mais aprofundada de parte da análise desenvolvida em minha dissertação de mestrado, defendida recentemente, cujo objetivo foi encontrar na *ars* de Diomedes elementos textuais e conceitos gramaticais que pudessem representar reflexos do bilinguismo greco-latino existente na sociedade em que essa obra se inseria. Após estabelecer as contextualizações histórica e sociolinguística do texto sob análise, a fim de ilustrar a dinâmica instaurada em um texto gramatical antigo da coexistência das línguas grega e latina na sociedade da

época, apresentamos e avaliamos os indícios no texto que decorrem do caráter bilíngue socio-regional, levando-se também em consideração a língua do potencial leitor da gramática e a própria metalinguagem utilizada pelo autor. A partir da tipologia utilizada para classificar as ocorrências de tais elementos, destacamos como mais relevante a ocorrência de *code-switching* no discurso metalinguístico de Diomedes em sua gramática, onde se verificam sentenças em língua grega em meio ao texto latino. Uma maior descrição dessa alternância entre uma língua e outra, bem como uma abordagem da noção de *utraque lingua* revelada por passagens da gramática são o propósito deste trabalho.

19) Santos, Laís Scodeler dos. *Autobiografia, tempo e exílio em Tristia IV, 10*

A elegia IV, 10 dos *Tristia* tem sido bastante analisada por estudiosos da obra que ressaltam, sobretudo, o seu caráter autobiográfico. Nesse sentido, como propõe Möller (2015), tal elegia foi responsável por fazer com que Ovídio fosse considerado um autor de autobiografia, pois, nela, a *persona* versa temas como sua origem, seu passado e sua família e, ao fazê-lo, precisa nomes, locais e datas, correspondentes aos períodos por ele vividos ou que indicam acontecimentos passados e presentes. Mas, ainda que consideremos a presença evidente de material autobiográfico em *Tr.* IV, 10, a forma como o poeta o articula também evidencia ao leitor que o dado biográfico faz parte da temática do poema, sendo, ainda, um recurso poético que pode ser modificado, transformado ou moldado, a fim de que se obtenha um determinado efeito. Na esteira de Pascal (1960), que define a autobiografia como uma interação entre passado e presente, pretendemos analisar quais são e como Ovídio versa os conflitos entre passado e presente e futuro e sua (inter)relação com o atual contexto do exílio, enfatizando o modo como o poeta joga com o material autobiográfico. Para tanto, escolhemos trechos correspondentes à progressão cronológica (vv. 1-20, p. ex.) existente na elegia, a fim de demonstrar que não são uma simples mimese da realidade extrapoética do Ovídio, mas, sim, que correspondem a uma engenhosa elaboração poética que pode ter como finalidade alcançar efeitos de sentido adequados ao contexto (nada favorável) de seus versos.

20) Rezende Silva, Alfredo Manoel de. *Exílio e Oportunidade na Olímpica 12 e na Pítica 4 de Píndaro*

Um *topos* poético das odes aos vencedores é a atribuição aos mitos da terra natal do elogiado a função de haverem nutrido o caráter e a grandeza do atleta. Mas o que fazer quando a situação política incorre no exílio de um cidadão que depois conquista um importante torneio? Por ambas as citadas odes, permeia a ideia do exílio, infortúnio que exige de Píndaro soluções poéticas diferentes. Na primeira, Píndaro enfatiza o perigo universal da mudança, sempre iminente, e defende que o

exílio do atleta convertera-se em causa de seu sucesso em Olímpia. Na segunda, a vitória de um rei nos jogos em Delfos surge a um expatriado como possibilidade de retorno à querência; este encomenda a Píndaro uma ode com a finalidade de exortar ao rei, entre elogios, que revogue a pena – atuação poética decisiva no momento oportuno de instabilidade política.

21) Simões, Vivian Carneiro L. *Os exempla como modelo de permanência clássica nas gramáticas latinas*

Para os gramáticos latinos, o critério que define o *classicus* reporta-se intimamente à ideia de mérito que, por sua vez, não se exime dos valores éticos ou estéticos que norteiam a sociedade. O que aferia tal mérito literário era, assim, a observância de um conjunto de fatores internos ou externos da produção poética. Horácio, em sua *Epistola ad Pisones*, define quais sejam os princípios da composição literária que conduzem à perfeição[1], preceitua qual seja a verdadeira essência da poesia[2] e observa, nos versos 99-100, juízos estéticos: *Non satis est pulchra esse poemata; dulcia sunt / et, quocumque uolent, animum auditoris agunt*;^[3]. Poeta nenhum nasce, mas torna-se, a partir do instante em que associa o talento à arte e submete-se a trabalho persistente e constante. A forma parece conduzir as escolhas que os gramáticos metricistas fizeram de seus *exempla* – ferramenta indispensável do discurso gramatical. É incontestável que os exemplos pertinentes às *Artes Metricae* são o suporte para que se discorra sobre a flexibilidade da métrica na poesia latina, porém, além de normatizarem os fatores relativos à sonoridade das palavras e à produção dos discursos, os *exempla* sugerem ainda, em seu conjunto, constituição de uma plêiade de textos e autores. Pretende-se, pois, demonstrar e discutir os resultados do levantamento dos *exempla* recolhidos para análise a partir de três tratados técnicos de métrica clássica latina – M. Vitorino e É. Aftônio, T. Mauro e M. P. Sacerdote. Dentre as questões a serem abordadas estão os autores e versos mais recorrentes nos tratados técnicos e a permanência desses autores e obras tomados como modelos clássicos.

[1] HORÁCIO. *Epistola ad Pisones [Ars Poetica]*, vv. 38 – 41; 309.

[2] SOUSA, Eudoro. Introdução. In: HORÁCIO, 1984, p. 36.

[3] HORÁCIO. *Epistola ad Pisones [Ars Poetica]*, vv. 99-100.

22) Soares, Marina P. *As Rãs de Aristófanes: crise poética e política*

A comédia *As Rãs*, de Aristófanes, é constantemente relacionada ao tema da “crise”. Já no início da peça, Dioniso, o personagem principal da obra, diz a seu escravo o que ele não deve falar ao tentar ser engraçado, criticando o tipo de piada que costumava aparecer com frequência nas comédias gregas antigas. Alguns comentadores da peça julgam que a passagem expressaria um momento de crise do gênero cômico. Ainda no campo poético, a interpretação de *As Rãs* nos sugere

uma segunda crise: a da tragédia grega clássica. O deus Dioniso explicita o plano de ir ao Hades buscar um bom poeta para a cidade de Atenas. A situação do gênero trágico, colocada pelo deus, é ruim: não existiriam mais poetas bons em Atenas. Essa temática orienta a segunda parte da comédia, em que há uma competição poética, situada no Hades, entre os poetas Ésquilo e Eurípides. A crise da tragédia se relaciona intimamente a uma terceira crise, que perpassa toda a comédia, a da cidade de Atenas. A escolha, ao final da peça, do melhor poeta trágico por Dioniso, juiz da competição no Hades, associa a figura do poeta à salvação de Atenas. Ésquilo é o vencedor e aquele que, segundo o coro, devolverá a excelência à cidade. Nesta apresentação, pretendemos explorar as passagens da obra de Aristófanes que refletem as três crises mencionadas e analisar de que forma elas se relacionam à estrutura da obra.

23) Zorrer, Fernando. *O tempo no Hipólito de Eurípides*

O tempo para se realizar uma vingança pode se estender por muitos anos, mas não como sucede na tragédia *Hipólito* de Eurípides. Afrodite anuncia no prólogo que "neste dia" acontecerá a sua vingança contra Hipólito e não importa a vida de quem ela precise envolver nesse intento. Importante é analisar como ocorre essa passagem do tempo no referido drama em apenas um único dia e acompanhar outras marcas temporais quer elas sejam anteriores ao drama, como o nascimento da paixão de Fedra pelo enteado, quer sejam posteriores, como a morte de Hipólito. Além disso, há alguns registros mensuráveis, como, por exemplo, Fedra está em jejum já faz três dias. Também há uma série de atos que são realizados sem que haja uma marca temporal precisa, como a declaração da esposa de Teseu, que confessou ter ponderado por muitas noites sobre a sua própria situação pessoal bem como sobre outras questões. Deste modo, esta investigação fará um exame histórico de como o dramaturgo organiza a ação trágica na peça e estabelece o seu respectivo desenvolvimento.

Filosofia Antiga

Minicurso

Baracat Junior, José (UFRGS). *O conceito de tempo de Platão a Damásio*

Este minicurso é uma introdução ao conceito de tempo em alguns dos principais autores da tradição platônica. Partindo da enigmática passagem do *Timeu* (37D) em que Platão diz que o tempo é a imagem móvel da eternidade, esboçaremos uma história da interpretação dessa definição através dos filósofos neoplatônicos Plotino, Jâmblico, Proclo e Damásio.

3/11 - No primeiro dia, nos concentraremos na breve, porém influente, passagem do *Timeu* (37D) em que Platão diz que o tempo é "imagem móvel da eternidade". Abordaremos

também o *Parmênides* (140E-141D) platônico devido às suas linhas sobre o instante, importantes para o platonismo posterior. Ainda neste dia, passaremos rapidamente também pelas investigações sobre o tempo conduzidas por Aristóteles (*Física* IV, 10-14).

4/11 - O segundo dia será dedicado, em primeiro lugar, à apropriação que faz Plotino (séc. 3) da definição platônica, mostrando como sua própria reflexão sobre o tempo se erige como crítica a Aristóteles e aos Estoicos. Em seguida, veremos como Jâmblico (séc. 3-4), embora também um platônico, constrói sua reflexão sobre o tempo a partir da exegese de uma passagem do Pseudo-Arquitas (possivelmente séc. 2), contrapondo-se a Plotino.

5/11 - O último encontro tratará dos platônicos tardios Proclo (séc. 5), que sistematiza as inovações de Jâmblico, e Damáscio (séc. 5-6), que introduz importantes inovações.

Bibliografia básica:

Platão, *Timeu* e *Parmênides* (qualquer tradução).

Puente, F. R. & Baracat Jr., J.C. *Tratados sobre o tempo: Aristóteles, Plotino e Agostinho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

Sambursky, S. & Pines, S. *The Concept of Time in Late Neoplatonism*. Jerusalem: The Israel Academy of Sciences and Humanities, 1971.

Baltzly, D. *Proclus, Commentary on Plato's Timaeus*, vol. 5. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

Observação: as passagens a serem discutidas no minicurso serão traduzidas para o português e fornecidas no formato de pequena apostila.

Palestras e conferência

Mesa-redonda:

Cressoni, André. *Crise e oportunidade – o lugar da Antiguidade na formulação de novos tempos*

Sabe-se que a antiguidade, principalmente grega e romana, desempenha um papel fundamental para todo o pensamento ocidental, uma vez que constitui seu berço. Como tal, essa antiguidade greco-romana colocou, já de início, a semente que se desdobraria e viria caracterizar a posteridade em diversas áreas do conhecimento e da vida em sociedade. Mas seria o lugar dessa antiguidade restrita tão somente ao pontapé inicial do processo civilizatório ocidental? Seu significado consistiria simplesmente em ser uma memória de um passado longínquo? Nosso intuito consiste em expor alguns traços que demonstram o contrário: há um processo contínuo de retomada da antiguidade na tradição ocidental. O foco de nossa análise voltar-se-á, neste ínterim, para o modo como a antiguidade serviu de horizonte norteador na busca de uma solução para a crise do tempo. Provindo da tradição humanista que, ao romper com a escolástica, busca novos caminhos a partir do

retorno à antiguidade, essa tendência se desdobrará em ao menos duas frentes. Primeiro, na crise quanto ao conceito de história da filosofia, a retomada da antiguidade surge como oportunidade para a construção de uma noção filosófica de historicidade. Veremos, neste ponto, como autores modernos – como Deslandes, Brucker, Tiedemann, Buhle, Tennemann, Reinhold – buscaram elaborar uma noção nova de história da filosofia, no qual um dos pontos mais concretos de elaboração é alcançado com Winckelmann, que toma os gregos como modelo. E segundo, com a crise política e social da modernidade, cujo desfecho ocorre com a revolução francesa, a visão de um novo tempo futuro carrega como núcleo teórico o recurso à antiguidade, principalmente grega. Voltado mais para o cenário alemão, neste segundo ponto serão abordados autores do Idealismo e romantismo alemão (como Hölderlin e Hegel) e suas inspirações teóricas (como Rousseau, Winckelmann e Herder). Com essas duas frentes, buscaremos demonstrar que a antiguidade é ressignificada e revivificada justamente nos pontos nodais das crises quanto à problemática do tempo. Buscaremos ainda explorar, ao final, tanto como essas duas conceitualizações do tempo abriram o espaço para uma nova concepção do tempo lógico, principalmente com o idealismo hegeliano, quanto como essa conceitualização de tempo lógico está ligada ao tempo dialógico da dialética platônica. Desta forma, o mundo antigo surge como uma abertura para se elaborar (e reelaborar) novas concepções de tempo.

Santos, Maria Carolina Alves dos (Faculdade de São Bento). *A figura do interlocutor no Fedro*

Para expressar suas visões filosóficas, Platão escreve diferentes tipos de diálogos, segundo regras diversas, adequando a escolha de seus personagens ao objeto filosófico focado. Submetidos à interrogação sistemática pelo condutor da discussão, num tempo reflexivo regido por normas dialéticas, bons interlocutores passam por uma crise racional que abala posições apressadamente assimiladas. Sem intimidação, passo a passo, eles são levados a elaborações conceituais mais abrangentes e precisas, ocasião concomitantemente propícia ao autoconhecimento. No diálogo *Fedro* – no qual ocorre duplo e salutar passeio, o do corpo e da alma, sob a exuberante luz do meio-dia (*mesembria*) – Sócrates, no exercício de seu costumeiro papel epistêmico, empenha-se em fazer brilhar (*phaino*) a verdade que torna radiosa a alma do interlocutor. A crise desencadeada em suas próprias crenças, cujo viés é sofístico, franqueia-lhe total conversão ao que ela deve ser por essência: *phaidros* significa brilhante, claro, sereno, radiante. Nessa medida, o tempo dialógico desta obra, fruto da autêntica filosofia aqui definida como *mania* erótica, é passeio extático destinado a alçar a iludida alma de Fedro à ourânica Planície. Lá, das alturas daquele lugar da Verdade, num processo de reminiscências primordiais, ela chegará a visualizar todo o real; e, dessa *askesis* dialética de suas *dunameis* automotoras naquela sinótica visão, decorre também simultâneo vislumbre do conhecimento de si, suprema indagação de todo ser humano.

Conferência:

Machado, Adriano (USP). *Sobre Cícero: Crise e Filosofia na República Romana*

Diversos diálogos de Cícero, sejam sobre filosofia, sejam sobre retórica, iniciam-se com prefácio epistolar discutindo os conflitos da república romana e o afastamento forçado de Cícero da política. Discutir como a filosofia e a *eloquentia*, por meio do *otium cum dignitate* produtor de textos, pode intervir em tais condições e circunstâncias será o objetivo deste trabalho, centrando-se sobretudo nos prefácios aos três livros do *De Oratore*, visto que neles retórica e filosofia sejam modelares para produzir, pela educação que neles se esboça, o homem eloquente capaz de dar fim a tal conflito.

Sessões coordenadas

1) Beluzzi, Ethel Panitsa. *Tempo na Índia Antiga: o Conceito de Saṃsāra*

Podemos dizer que a história da Índia é permeada pela investigação do que é o “eu”, e essa investigação ontológica e metafísica, na maioria das vezes, desenvolveu-se em uma multiplicidade de práxis. Entretanto, entre quase todos os desenvolvimentos filosóficos relacionados com essa questão, um conceito permanece central: o conceito de *saṃsāra*. Etimologicamente, *saṃsāra* une as palavras *sama* (“igual/mesmo”) e *sarati* (“fluir”), isto é, significa um “contínuo fluir”. Essa ideia de um “contínuo fluir” foi elaborada como um estado existencial no qual o ser não é entendido de modo finito, mas contínuo – existe um certo contínuo do “eu” que existia antes desse nascimento e que permanecerá depois da morte. Entretanto, esse “fluir” não é entendido como algo volitivo; o fluir do contínuo mental é um fluir condicionado pelas disposições de determinadas leis de causalidade, entre elas o *karma*; não tendo conhecimento da estrutura desse funcionamento somos projetados de maneira descontrolada por meio das diversas possibilidades de existência. Conhecendo os meandros da causalidade, seria então possível ir além da existência condicionada, agora entendida como “contínuo vagar”. O tempo, dessa maneira, não é entendido como uma finitude necessária: nesse sentido, ele é uma continuidade inescapável. O nosso objetivo nesse trabalho, dessa maneira, é desdobrar um pouco mais o conceito de *saṃsāra* a partir do modo como foi abordado em algumas das filosofias mais proeminentes da Índia Antiga.

3) Galgano, Nicola Stefano. *Antes e depois: Parmênides e o tempo em DK 8.9-10*

Um dos clichês da interpretação tradicional do poema de Parmênides é de que ele teria concebido, pela primeira vez na história ocidental, a atemporalidade. Esta noção emergiria em várias passagens do poema, mas principalmente no verso DK 8.5, onde, entre os *semata* do *eon*,

Parmênides incluiria aquele de sua atemporalidade com as seguintes palavras (trad. de Cavalcante de Souza): *nem jamais era e nem será, pois é agora todo junto* (οὐδέ ποτ' ἦν οὐδ' ἔσται, ἐπεὶ νῦν ἔστιν ὁμοῦ πᾶν.). Uma outra passagem em que supostamente Parmênides falaria do tempo está nos versos DK 8.9-10, nos quais, falando do nascimento e do crescimento, Parmênides argumenta que, se o ente cresce do nada, no nada não haveria um antes e um depois. Eis as palavras (trad. Cavalcante de Souza com uma modificação minha): *que necessidade o teria impelido/ a depois ou antes, se do nada iniciado, crescer?* (τί δ' ἄν μιν καὶ χρέος ὄρσεν/ὔστερον ἢ πρόσθεν, τοῦ μηδενὸς ἀρξάμενον, φῶν;). O artigo retorna sobre estes dois versos, reiniciando a discussão de DK 8.5 segundo a interpretação de Púlpito, o qual reorganiza sua leitura a partir das variações Untersteiner-Whittaker-Manchester-Cerri, em que se evidencia a alta problematicidade da versão Diels-Kranz e é oferecida uma solução alternativa mais convincente. Mesmo na interpretação tradicional, em DK 8.9-10 as expressões *antes* e *depois* não constituem em si próprias uma discussão sobre o tempo, mas sempre foram entendidas como suporte ao verso DK 8.5. Caindo a interpretação tradicional deste verso, os dois versos DK 8.9-10 recebem um sentido mais simples e aderente à mentalidade arcaica do eleata: Parmênides está falando de sequência e não de tempo.

4) Hornich, Daner. *Leituras de Critão: a Polis, as leis e a opinião da maioria*

As questões postas para Sócrates consistem em “guiar-se” pelo conselho dos outros para salvar a sua vida; para não se privar dos amigos e muito menos legar infelicidades para os que dispõem de dinheiro para ajudá-los entre si quando necessário: pois, qual é o valor do dinheiro quando a amizade é colocada em jogo? Sócrates não se guia pelas cabeças alheias, pois examina as próprias questões (colocadas por ele ou outros) como um provocador, ou parteiro de reflexões e pensamentos. Isso porque a resposta indicada por Sócrates parece um desvio de rota, ao começar um diálogo sobre a opinião da maioria, que, para Critão, é ponto significativo, e para Sócrates não, pois não devemos nos preocupar com a opinião da maioria, mas sim com as considerações dos melhores. Nossa comunicação pretende aprofundar essa leitura.

5) Moiteiro, Carlos Renato. *A experiência do tempo no De Breuitate Vitae de Sêneca*

A experiência do tempo na filosofia estoica apresenta-se como um acontecimento singular no pensamento antigo, à medida que descortina a importância do presente como meta contínua do agir humano. Se pudermos considerar o pensamento filosófico precedente como engendrador de uma filosofia da ação-em-vistas-a-um-porvir, é necessário assumir que, por sua vez, as escolas do período helenístico, cada uma a seu modo específico, voltaram sua atenção para o papel que a reflexão filosófica sobre o tempo presente desempenha em termos duma correta preparação para a experiência futura. Sobretudo, no estoicismo, tal raciocínio dota-se de especial importância, pelo

fato de conceber o tempo como um *incorpóreo*, um *quase-ser*, cuja realidade depende de uma contínua atualização do acontecimento das coisas. Daí o destaque dado por esta escola para o fato de que toda lembrança do passado ou premeditação do futuro deva estar a serviço do aprimoramento contínuo de sua ação no presente. Desta forma, a conformidade com a natureza não é, senão, um convite destinado a cada indivíduo para que possa concentrar-se em seu tempo presente, numa permanente confiança na *heimarméne* divina, com vistas a empenhar-se em sua própria transformação, meta para a qual tende toda a ascese estoica. Assim compreendida, a filosofia estoica deve ser faceada não tanto como um pensamento do eterno retorno, mas sim como uma filosofia do eterno presente. Para o exame dessas ideias, analisaremos o opúsculo *De brevitae vitae*, de Sêneca.

6) Moraes, Gerson Leite de. *Os demônios de Santo Agostinho*

O presente trabalho tem por finalidade classificar e analisar as definições demonológicas em Santo Agostinho, a partir de duas obras específicas, *Contra os Acadêmicos* e *Cidade de Deus*. A primeira insere-se na produção literária agostiniana naquilo que os especialistas chamaram de *os primeiros escritos*, que foram compostos ou iniciados entre a conclusão do ensino de retórica na cidade de Milão em 386 e a ordenação ministerial em 391. Trata-se, portanto, do período filosófico propriamente dito. Já a segunda obra, produzida entre 413 e 426, considerada a obra prima do autor, é de cunho mais teológico. Nela o autor tenta responder através de uma filosofia da história aos ataques que a fé cristã vinha sofrendo por conta da invasão bárbara realizada por Alarico, rei dos visigodos, em 410. Nas duas obras, Agostinho define os demônios como seres intermediários entre o humano e o divino, mas que estão associados à magia e à superstição do povo comum. Contudo, segundo Agostinho, os demônios são capazes de interferir na esfera de ação humana usando os adivinhos para tal propósito, sendo cinco as formas mais comuns de adivinhação na Antiguidade, a saber, por meio das vísceras de animais sacrificados (*haruspicina*), na observação do voo dos pássaros (*auguratio*), no estudo das posições dos astros (*astrologia*), na interpretação dos sonhos (*oniromancia*) e no transe mediúnico (“vaticínio”). De uma forma geral, percebe-se que Agostinho está numa empreitada apologética da fé cristã contra aquilo que ele denominou como paganismo, espaço por excelência, segundo ele, de atuação dos demônios.

7) Oliveira, Mariane F. de. *Compatibilismo e método dedutivo na Ethica Eudemia*

A prescrição metodológica de *Ethica Eudemia* I 6 indica-nos que devemos utilizar o que nos aparece (*tois phainomenois*) como indícios e modelos (*martyriois kai paradeigmasi*), a fim de obtermos mais clareza com relação ao que será investigado (EE I 6, 1216b27-35). Pretendemos defender a hipótese de que essa prescrição, que guia a leitura do tratado, está fortemente amparada

por outras prescrições do livro I e que este, por sua vez, possui certa unidade em suas recomendações, que evoluem em complexidade até culminarem em I 6. Para isso, apresentaremos uma leitura cuidadosa das passagens que precedem I 6 para mostrar que o livro I, como preâmbulo, fornece-nos o aparato metodológico necessário para que seja possível, ao longo do tratado, chegar a enunciados tão claros e precisos que sejam suficientemente explanatórios para os objetivos da EE, a saber: a determinação e a aquisição do bem humano.

8) Pitteloud, Luca. *O tempo no Timeu de Platão*

Gostaria de destacar uma consequência importante da definição do tempo fornecida por Platão no *Timeu*. Ele afirma que o tempo é a imagem móvel da eternidade (37d5-7). É possível perguntar se a invenção do tempo pelo Demiurgo não teria o papel de ser um intermediário, permitindo uma relação entre as Formas e os particulares, pois as Formas, que permanecem na unidade, são acessíveis ao ser humano, quando estão no sensível, apenas via o *número*. O Universo não é uma realidade sem ordem e, enquanto uma imagem da realidade inteligível, ele é estruturado de acordo com uma estrutura harmonizada. Isso pode certamente ser entendido assim: o componente material do sensível é construído de acordo com uma estrutura matemática (triângulos) e parece plausível que a declinação do inteligível no sensível deve ser feita através de uma estrutura ordenada pelo número. Além disso, a percepção humana do sensível depende de uma estrutura harmonizada: o tempo. Temos acesso à realidade sensível, na sua multiplicidade, via uma ordem relativa: a temporalidade permite que o ser humano tenha acesso ao inteligível quando ele aparece em uma estrutura mutável. Por isso, qualquer conhecimento e ação humana são efetuados na temporalidade.

9) Schenkel, Klara Maria. *Uma oração àquele que, sendo o pai das criaturas, tornou-se seu filho*

Os *Vedas*, coleção de textos fundadores de diversas tradições sagradas e filosóficas indianas, representam um dos documentos mais remotos da escrita védica, da qual derivou o idioma sânscrito. Os hinos 53 e 54, livro XIX do *Atharvaveda* (uma das quatro coletâneas que integram os *Vedas*), trazem um elogio ao Tempo, identificado com o deva Kāla, o detentor do mais alto poder celestial. Dada a rica polissemia dos versos da primeira parte, nossa análise ficará restrita às dez estrofes do hino 53 e, para tanto, comentaremos quatro traduções em inglês do referido hino (Muir, 1870; Griffith, 1895-6; Bloomfield, 1897 e Panikkar, 1983). Nosso objetivo será observar como essas traduções contribuem para a construção de uma interpretação ocidental moderna minimamente viável do pensamento védico. As formulações acerca da deidade Kāla no hino 53, por sua vez, são importantes não somente para a apreciação de uma certa cosmovisão ancestral, como

também parecem indicar possíveis caminhos para compreendermos melhor desdobramentos filosóficos posteriores, sobretudo o conceito budista de coemergência.

10) Silva, André Luiz B. da. *A hora da decisão: o imaginar, o filósofo e o Bem (República 504e-507c; 534c-d)*

A certa altura da *República* de Platão, Glauco e Adimanto exigem de Sócrates um discurso ontológico e argumentativamente fundamentado sobre o Bem (504e4-6; 506b2-4). Segue-se então um vivo quadro dramático, no qual o filósofo alega desconhecimento da matéria, impossibilidade de alcance do objeto, possibilidade de exposição de coisas vergonhosas e de ridicularização; por fim, ele propõe o abandono da exigência (504e4-507a6). De fato, a exposição que Sócrates realizará sobre a Ideia de Bem será imagética (508b12-509b10), mas a explanação que lhe fora exigida não chega a ser realizada – nesse debate ou alhures. Ora, qual seria o motivo dessa esquiva? a) seria o fato de, apesar de Sócrates possuir pleno conhecimento sobre a Ideia de Bem, o autor Platão entender que isso não deveria ser colocado numa obra “escrita” – como defende a dita Escola de Tübingen-Milão (p. ex.: Krämer, 1969; Gaiser, 1980; Reale, 1991; Szlezák, 1991)? Entretanto, essa alegação não parece coadunável nem com o mencionado quadro dramático (504e4-507a6), nem com a gargalhada e acusação de exagero de Glauco, as quais não são reprovadas por Sócrates (509c1-4); b) seria o fato de a Ideia de Bem não ser “tratável” através do discurso argumentativo, sendo-lhe, portanto, cabível apenas um tipo de exposição imagética, como a realizada – como defenderam Cornford (1932), Robinson (1941), e Cross e Woosley (1964)? Contudo, isso não parece coadunável com i) as reiteradas defesas na obra da dialética em detrimento dos outros tipos de saberes, segundo as quais o dialético seria capaz de “alcançar através do *lógos*”, “dar o *lógos* da essência” ou “delimitar pelo *lógos*” a Ideia de Bem (511b3-c2; 532a5-b2; 534c4-d2); nem tampouco com ii) a insistente caracterização da dialética nesse diálogo como procedimento “sem imagens” (510b6-9; 511b3-c2; 534b3-d2). *Krísis* significa decisão; e é em meio a tais decisões interpretativas que a presente comunicação traçará seu caminho.

11) Silva, José Wilson da. *Totalidade do tempo, vida e morte na Apologia de Sócrates de Platão*

É por demais conhecida a passagem 38a da *Apologia de Sócrates* de Platão, na qual Sócrates declara que “uma vida não examinada não vale a pena ser vivida”. Um frutífero diálogo é reconhecido pela imensa bibliografia produzida com base nessa declaração. Tomando a passagem inteira na qual a declaração se encontra, há uma exortação que muito importa aqui e que não prendeu a atenção da maior parte dos comentários nessa extensa produção que concerne à famosa passagem. Sócrates afirma: “o maior bem para o homem é discutir *todos os dias* sobre a virtude”(grifos meus). Ao que parece, ter uma vida examinada é o mesmo que discutir todos os dias

sobre a virtude e que isso, portanto, é o maior bem para os homens. Mais enfaticamente, é possível afirmar que o maior bem para os homens deva ser diário e para toda a vida – a vida deve ser examinada todos os dias na totalidade do tempo em que estivermos vivos. Mas quais são as razões para aceitarmos essa exortação socrática? Sócrates parece indicar que a medida do bem para o homem é a morte. Minha hipótese é exatamente que o paradigma da morte é o critério para avaliar o bem humano em sua totalidade, ou melhor, a vida feliz. Isso significa dizer que ser feliz não é um lapso no tempo, deve ser uma atividade constante em todo o tempo da vida humana. Isso é o que pretendo demonstrar com base na discussão escatológica presente no final da referida obra.

12) Silva, Rosely de Fátima. *Alguns questionamentos sobre o tempo em Aristóteles*

Nas construções conceituais de Aristóteles, é usual a utilização do método de contraste entre posições de filósofos, assim como entre termos e conceitos, buscando esmiuçar aporias do que pretende discutir. Glosando os pitagóricos, no *De Caelo* II, 290b12-291a28, Aristóteles diz-nos: “[...] eles dizem que o som gerado pelo movimento circular das estrelas é harmonioso. E porque parece inexplicável não sentirmos esse som, eles alegam, como causa desse fato, ele já estar presente desde o nascimento, pois esse é realçado pelo contraste com o silêncio, uma vez que o som e o silêncio só são perceptíveis graças *ao contraste de um com o outro*. Por conseguinte, como os ferreiros parecem indiferentes ao barulho, devido à adaptação, a mesma coisa acontece com os homens.” A natureza do tempo parece assemelhar-se à do som... Temos a sua percepção desde sempre, e o discriminamos através da observação do movimento, que nos aparenta modificar os seres e o mundo. E essa mesma modificação serve-nos de testemunho da existência do tempo. No entanto, como definir o tempo? Por contraste? Pela *matéria* de que se compõe – se é que possui alguma? E, se for assim, qual é a sua *matéria constituinte*? E a sua *forma*? Supomos que o tempo, essa *matéria* – e forma – não tátil, mas perceptível, corresponda a algo que definimos como real, e localize-se na razão humana, *afectada* pelo sensível. Questiona-se: para que ocorra a afecção do sensível, é necessário, segundo Aristóteles, que essa afecção provenha da exterioridade da alma. Mas, onde se localiza a fonte externa de nossas afecções temporais? Analisar alguns aspectos dos pressupostos da argumentação lógica que Aristóteles desenvolveu em seus trabalhos físicos, e que acaba por permeá-los de aporias, é o objetivo deste trabalho.

13) Silva, Wibison Menezes. *Alteridade no Sofista de Platão*

No diálogo *Sofista* de Platão, Sócrates cede o papel de protagonista para o misterioso personagem – o “Estrangeiro de Eléia”, que nos apresenta a filosofia platônica da alteridade. Segundo Abbagnano (2003), o termo alteridade tem origem no grego *ἕτερος*, que significa “o outro”, “ser outro”, “colocar-se ou constituir-se como outro”. Sendo assim, entende-se alteridade

como uma forma de constituir o outro pelo/no discurso. Platão, no *Sofista*, apresenta alteridade como um dos cinco dos gêneros supremos, a saber: “o ser”, “o repouso”, “o movimento”, “o mesmo” e “o outro (alteridade)”. Dessa classificação estabelecida, ressalta-se a importância da categoria do “outro”, que é considerado como gênero fundante de todos os outros gêneros, por possuir uma natureza absolutamente singular (Ducrot, 2009). O princípio da alteridade está na dialética do “Estrangeiro de Eléia”, pois “Ele” é este ser de alteridade – o não-ser. Nessa perspectiva, assume o papel de “mestre”, devido à exigência do jogo dialético-socrático, porém, o Estrangeiro é o próprio “aprendiz” – alteridade. Dessa forma, a alteridade se constitui a partir dele, e através de seu discurso transforma o ser de seus interlocutores. Portanto, o objetivo desse estudo é conceituar alteridade na filosofia de Platão, em especial na obra o *Sofista*, pois se acredita na possibilidade de que Platão, ao longo de seu trajeto e escrita acadêmica, traz uma concepção filosófica da alteridade, que diante de suas discussões com seus interlocutores *o constituir o outro* por meio do discurso se fazia presente. Tendo em vista, a aplicação do domínio como potência de comunicação e de ligação na concepção de um novo *ser*, com base na relação entre as Formas e o *não-ser* como alteridade. Assim, o esclarecimento e o conceituar precedente auxiliam a tornar claro o que Platão quer dizer com a obscura expressão: “*parte da natureza do outro*” (257d).

14) Torriani, Tristan Guillermo. *A Psicologia do Tempo em Aristóteles e Piaget: A mútua dependência entre antigos e modernos de uma perspectiva sociolinguística*

Apesar da distância temporal, a influência aristotélica se faz ainda hoje presente na Lógica, Biologia, Ética, Estética, e em autores como Jean Piaget. O psicólogo suíço investigou o desenvolvimento do sentido temporal na criança a pedido de Albert Einstein e identificou estágios no seu desenvolvimento. Distinções aristotélicas, como a entre o antes e o depois, permanecem visíveis nessa análise, o que nos dá margem para refletirmos sobre a impossibilidade de romper totalmente com o pensamento antigo. Entendendo a linguagem como um fenômeno social, não somente empírico, mas também normativo, podemos considerar critérios, distinções e habilidades classificatórias como estando inseridos no tempo e, portanto, sujeitos à história. Piaget combate o desconhecimento tanto da filogênese quanto da ontogênese do pensamento mostrando, no desenvolvimento infantil da noção de espaço, uma inversão da sequência em que a Geometria se desenvolveu (a saber, euclidiana, projetiva, e topológica). No sentido do tempo, isso não ocorre, pois a criança vai gradualmente aprendendo a distinguir o tempo do movimento de objetos externos à medida que supera seu egocentrismo cognitivo. Para Aristóteles, não é possível haver tempo sem intelecto, pois o tempo seria um ente contável (número). Neste sentido, o tempo, enquanto noção, só poderia ser construído enquanto tal por uma mente. Mas será compreensível afirmar que o tempo seria um ente, ao invés de ser, como, argumentava Kant, uma forma da nossa intuição? E, se sim,

será que, enquanto objeto externo, o tempo deixaria de existir se não houvesse intelectos (humanos ou divinos)? A dificuldade reside na distinção entre objeto e noção (conceito), entre metafísica e epistemologia. Diferentemente de Aristóteles, não pensamos em termos de essências. Entendemos nosso discernimento enquanto conjunto de noções, por sua vez definidos na gramática a partir de critérios necessários e suficientes. Isso confere à linguagem natural uma centralidade inaceitável para o pensamento antigo.

15) Tsai, Plínio. *O tempo como não-linear: Kālacakra e o Vajrayana*

Dentro da escola vajrayana do budismo tibetano, uma figura se destaca quando estudamos a questão do tempo: o arquétipo de Kālacakra. Kālacakra, que em sânscrito significa a roda (*cackra*) do tempo (*kāla*), é um sistema filosófico que busca compreender diversos aspectos da realidade, tanto subjetiva quanto objetiva, a partir de análises relacionadas à percepção e experiência do tempo. Através do desenvolvimento do vajrayana, o tempo linear é transformado em não linear, a partir de uma concepção da interdependência que desconstrói o conceito de indivíduo no tempo, e também do próprio tempo enquanto percepção linearizada de causa e efeito em relação única e direta – um movimento que tem consequências para toda a cosmologia budista. Analisar esse desenvolvimento é o objetivo deste trabalho.

Revisão: Paulo Sérgio de Vasconcellos, Patricia Prata, Isabella Tardin Cardoso, Carol Martins da Rocha

Formatação: Esther Alves Ferreira, Carol Martins da Rocha